

**CORPOREIDADE E LUDICIDADE: ESTUDOS SOBRE CONTEÚDOS
TRABALHADOS POR PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE
CUIABANA**

Es. Antônio Carlos Guerrise dos Santos

Es. Daniele Vilela Itacaramby

Ms. Eliane Sousa Oliveira dos Santos

Es. João Batista Franco Borges

Es. Lilian Ferreira Rodrigues Brait

Es. Marcus Vinicius Strobel

Ms. Nilzalina Silva Chaparro

Es. Rogério Marques de Almeida

Es. Sandro José Abrão

Es. Simone Martinho S. Sousa

Es. Tomires Campos Lopes

Orientador: Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes -FEF-IE/UFMT¹

RESUMO:

Pressupondo de que a educação física constitui numa disciplina escolar, e que, portanto, tem conteúdos específicos, o projeto tem por objetivo investigar as formas de utilização desses conteúdos nas aulas de educação física da rede cuiabana, se orientando pelas lentes da corporeidade e da ludicidade, as quais se supõe frequentar o terreno da escola. A construção desse saber corporal do aluno pode vir a ser uma proposta que enxergue a importância, nessas aulas, de uma gramática corporal, adotada pela crença do que foi o resultado da formação de seus professores. Pretende-se, através de uma perspectiva sócio-antropológica, compreender a aula de educação física em sua dinâmica e modulações, de modo a oferecer subsídios para projetos de intervenção que se pretendem educativos.

Palavras-chave: educação física, formação de professores, corporeidade e ludicidade.

¹ Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes – FEF-IE/UFMT, Orientador do Grupo de Pesquisa. gomescleo@yahoo.com.br e integrantes: Professores Antônio Carlos Guerrise dos Santos – SESC-Escola, Daniele Vilela Itacaramby – SME-Cuiabá, Eliane Sousa Oliveira dos Santos – FEF-UFMT, João Batista Franco Borges – SESC, Lilian Ferreira Rodrigues Brait – IE/UFMT, Marcus Vinicius Strobel – Univag, Nilzalina Silva Chaparro – FEF-UFMT, Rogério Marques de Almeida – Univag, Sandro José Abrão – SESI-Escola, Simone Martinho Soares Sousa – FEF-UFMT e Tomires Campos Lopes – IE/UFMT.

INTRODUÇÃO

“Pois os homens não são somente eles; são também a região onde nasceram, a fazenda ou o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, os brinquedos que brincaram quando crianças, as lendas que ouviram dos mais velhos, a comida de que se alimentaram, as escolas que freqüentaram, os esportes em que se exercitaram, os poetas que leram e o Deus em que acreditaram”. (William Somerset Maugham, O fio da Navalha).

O Projeto tem por objetivo realizar um estudo dos conteúdos utilizados nas aulas de educação física — sua aplicação, funcionamento —, o que seus professores, com base em sua formação, acreditam que sejam importantes para assegurar a gramática que eles imprimem. Tendo como *loci* escolas de educação infantil e ensino fundamental da cidade de Cuiabá e o seu entorno, a intenção é identificar os saberes corporais manifestos e latentes na aula de educação física e a pedagogia sob a qual se apresenta nas atividades físicas e rituais escolares, como recreio, festividades, comemorações e outros eventos que precisam do corpo em movimento. Partindo de uma perspectiva antropológica, balizada pela noção de corporeidade de Silvino Santin, e do “sujeito encarnado” de Najmanovich, pela “tribalização” ou da festa escondida do corpo de Lima e Gomes, e pela Etologia Humana, de Konrad Lorenz e, pela Ludicidade de Gomes, este projeto pretende contribuir para compreensão da importância das aulas de educação física que habitam as escolas da rede cuiabana, acreditando constituir saberes corporais, organizados a partir da formação de seus gestores, sobretudo, de seus professores.

JUSTIFICATIVA

Enquanto a escola se organiza num espaço de linguagens pedagógicas especializadas para oferecer aos alunos um grau de conhecimento e/ou treinamento de habilidades específicas, a pesquisa com os conteúdos trabalhados em educação física, sob a lente da corporeidade e da ludicidade, com as crianças e pré-adolescentes da rede cuiabana, tem uma direção semelhante de vê-los em suas aulas para essas atividades que se supõem com um conteúdo importante para o aprendizado dessa corporeidade, mas que se supõem, numa segunda preocupação por atividades prazerosas, que esses jogos e brincadeiras, tão próprios de uma cultura infantil, possam sugerir numa atmosfera lúdica.

Não se tem uma literatura específica abundante que nos aponte caminhos de como trabalhar, de como observar, de como pesquisar, daí pensarmos ser a importância conferida a esse trabalho de pesquisa que nos deixam à vontade para retratar, num sentido mais lato, as crianças e pré-adolescentes em seu estado de prazer, contentamento, liberdade, espontaneidade, ou seja, de sua corporeidade lúdica.

Acreditamos que a realização de uma pesquisa, escrutando os conteúdos utilizados pelos professores de educação física escolar, mormente com o intento de comparar o cotidiano das licenciaturas com o cotidiano da educação infantil e o ensino fundamental, justifica-se, primeiro, por constituir uma busca de caminhos para pensar o papel social assumido pela UFMT e suas licenciaturas, qual seja, o de formar professores e, segundo, pela possibilidade de virem a ser os resultados da pesquisa um relato motivador para reflexões em conjunto — licenciandos e professores egressos — sobre as lições que venhamos a aprender com o trabalho feito.

Por fim, supomos que o projeto que vimos apresentar se justifica pela oportunidade, ao buscar caminhos novos, de contar com a cooperação de professores de educação física, da rede cuiabana, que se prontifiquem a nos oferecer permissão de natureza didática quando da cessão de suas aulas enquanto laboratórios à investigação.

É certo que as lições aprendidas não vão mudar a macroestrutura do sistema de ensino de educação física no Mato Grosso ou em Cuiabá. Todavia, ainda assim, pode justificar-se a execução da presente proposta, pelo fato de os caminhos percorridos e as lições obtidas terem sempre a função de fazer juntar pesquisadores, professores e alunos para, como diria Gudsorf (1995), “o confronto de cada um consigo mesmo”.

OBJETIVOS

O objetivo geral da presente pesquisa é o de analisar os conteúdos utilizados por professores de educação física da rede escolar cuiabana, sejam os recomendados por programas das agências de educação, sejam os sugeridos e/ou criados pelos professores e alunos na vivência de seu cotidiano escolar, caracterizando os que tipificam da formação do professor de educação física. Específicos serão os objetivos de: primeiro desvelar e comparar as condições em que os conteúdos são trabalhados que desvelem uma gramática específica da educação física; segundo que distingue as situações em

que a aula de educação física seja tomada como um evento de saberes importantes e, terceiro de identificar as atividades corporais sugeridas para comungar o próprio da expressão corporal com um fazer que se pretende lúdico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O projeto que aqui vimos propor inscreve-se no campo de pesquisa da Educação Física de crianças e pré-adolescentes de escolas da rede cuiabana. Estudar os conteúdos das aulas de Educação Física tem muito a dizer, supomos, num primeiro momento, com o que “ditam” os programas das secretarias de educação e, num segundo momento, com aquilo que os executores — os seus professores — acreditam que sejam conteúdos viáveis a crianças e a pré-adolescentes de escolas de Cuiabá.

Optamos por privilegiar a corporeidade e a ludicidade. A primeira por dizer de uma expressão, considerando que todo evento experimentado pelos sentidos deixa no corpo marcas que são expressas por uma linguagem, que se traduz em movimentos. A segunda por considerar como uma ferramenta didática para olhar esse corpo. Daí, se perguntado, o que falamos quando falamos de corpo, acompanhamo-nos de Denise Najmanovich (2002), para quem todas as nossas mais primitivas experiências revelam um “corpo de um sujeito encarnado”.

O termo Corporeidade é noção que tomamos de empréstimo aos lingüistas e etnólogos para dizer de expressão não-verbal do corpo, e do uso que o corpo faz no espaço e no tempo, conforme Edward Hall (1964), de sua Proxêmica. Pode ser de muito ajuda, acerca do termo, aquilo que Maurice Merleau-Ponty (apud Santin, 2002) adota, superando o dualismo antropológico cartesiano, como corporeidade significando para o autor “uma organização viva e pensante, suporte de todas as manifestações possíveis do ser humano”. Sob essa ótica, correto é dizer que se é um corpo ao invés de se ter um corpo.

O termo Ludicidade utilizado por Gomes (2001), se ancora em diferentes autores, sobretudo os de abordagens sócio-antropológicas e pedagógicas, empregado para dizer da expressão de um estado de alegria ou de prazer, humor e espontaneidade, como é cara a noção para Rosamilha (1979).

A indicação dos olhares ou limites de sentido para “sócio-antropológicas” e “pedagógicas” serve-nos, aqui, para esclarecer que são abordagens tomadas como norteadoras, à guisa de suportes teóricos para a construção inicial da análise. Entretanto,

também indicamos o alcance provisório dessas abordagens que podem mostrar outras, conforme os aprofundamentos a que possamos produzir.

A sala de aula, o pátio e a quadra serão o *locus* de nossa pesquisa onde, supomos, acontecer os encontros de alunos e professores, a que costumeiramente nos conhecemos como aulas ou para atividades físicas. Esses encontros servirão de cenário do trabalho com conteúdos específicos de Educação Física. As aulas serão, pois, o foco de nossa investigação. Como as enxergamos? Nossas lentes teóricas são sugeridas por alguns autores cujas idéias compartilhamos para melhor entender o objeto que ora apresentamos.

Através do movimento corporal-gestual formativo, a educação física pode revelar e/ou reforçar padrões de pensamento, valores e crenças, bem como demonstrar a pertença cultural do indivíduo. Assim, no caso da escola, um espaço privilegiado de expressão corporal, os movimentos constroem a cultura do grupo, fazendo conjugar as expressões de uma cultura corporal, como parece acreditar alguns pensadores da Educação Física contemporânea.

Os estudos da educação física escolar, orientados por essas abordagens podem apontar para os aspectos que caracterizam uma formação profissional ao identificar nas relações os papéis desses atores como um fazer “pedagógico”. Tratam-se de estudos, por exemplo, sobre as problemáticas atinentes a vocação primeira da educação física como uma prática que, por via da atividade física, se ocupava da aptidão física de seus praticantes; por estudos que vêem a educação física como uma disciplina ou componente curricular capaz de, em sua aplicação, lidar com as práticas de uma cultura corporal, com esportes e com as manifestações de lazer; ou ainda estudar a educação física enquanto uma área específica que cuida de sua preparação profissional voltada para o ofício de uma profissão.

Durante esse estudo, pertinente seria uma reflexão sobre os espaços “perdidos” (alunos que prestam serviço militar, alunas que têm filhos, alunos que trabalham mais de seis horas, alunos que fazem cursos de pós-graduação, alunos do período noturno...) ¹ em nossa cultura, como aqueles que aparecem em leis e dos espaços “conquistados” (academias, centros de convivências, hospitais, resorts, empresas do comércio e da indústria...) com uma educação física que integra pessoas, adaptada às escolas de todas

¹ Art. 1º – O artigo da Lei nº 6.503, de 13 de dezembro de 1977.

as séries, idades, turnos, consoante determinados modelos, normas e idéias. São também estudos do agir professoral estribado em teorias sobre o ensinar-aprender uma alfabetização corporal e sobre ainda com práticas do ensinar e do aprender com eficácia, eficiência e produtividade.

Certamente que as referidas abordagens merecem a atenção continuada dos estudiosos da corporeidade e da ludicidade. São abordagens de problemas importantes, como diz Lima e Gomes (2001), “rentes que são ao solo pisado por professores e por alunos”. Entretanto, acreditamos ser também importante estender o interesse desses estudos à concretude cotidiana do solo pisado por egressos de educação física da UFMT, num futuro próximo por alunos de outras IEs de Mato Grosso, e por alunos da comunidade que ela serve e é servida por ela. Também acreditamos que uma visão da educação física escolar pode nos conduzir à compreensão da aula como uma teia de significados que, no atacado, uma corporeidade do aluno evoca, e funções didáticas de um fazer pedagógico, localmente construído e compartilhado por professores, no varejo, sob a batuta da ludicidade enquanto uma ferramenta pedagógica.

Se concebemos as salas de aula como micro-culturas e se adotamos como lentes epistemológicas o paradigma da complexidade, a metodologia da pesquisa não poderia ter um cânone positivista, interessando-nos pela descoberta de padrões generalizáveis para além do tempo e espaço observados, descartando aquilo que é diferente ou residual. Assim, optamos pela pesquisa descritiva, mais especificamente pela pesquisa etnográfica.

Propomos trabalhar estudos de tendência qualitativa e natureza etnográfica, tomando por *etnografia* a descrição dos modos de viver de uma comunidade determinada, ou seja, o comportamento de pessoas — no caso as crianças, os pré-adolescentes e seus professores — em local natural da escola, cujo o foco se centra na interpretação cultural desse comportamento, que para nós nos interessa lúdico e corporal. Uma pesquisa é considerada etnográfica, conforme Wolcott (1975), quando uma pessoa a lê e consegue interpretar aquilo que ocorre no grupo estudado tão apropriadamente como se fosse um membro desse grupo. A noção de *cultura*, conforme Lima e Gomes (2000), é tida aqui com o pluri-sentido de “ser-sentir-fazer-saber” próprio de alunos e professores que se juntam para aprender ou de grupos quando se juntam para brincar.

Não seria demais dizer que nosso olhar, pela ótica da atividade lúdica para essas crianças e pré-adolescentes não tem a intenção de investigar as aulas de Educação Física em suas deficiências didáticas, nem a brincadeira como um reforço pedagógico ou como diz Manson (1999), como uma “presa didática”, que retifica algum fracasso escolar, no caso das crianças mais graúdas ou de “refresco” para as crianças mais pequenas, senão tem o sentido exato de registrar/analisar/interpretar a sua função pedagógica e o de observar o significado simbólico do seu brincar, de seu contentamento e de sua ludicidade.

A etnografia de sala de aula, enquanto descrição cultural de um grupo de pessoas em sua vivência cotidiana permite ao pesquisador observar a rotina interativa entre os atores sociais, atentando para a harmonia e os conflitos que se dão no fluxo de suas linguagens. É propósito do etnógrafo apreender os significados que os participantes de um evento dão aos seus atos e aos atos dos outros. Sua principal tarefa é a de compreender a visão dos sujeitos de pesquisa, a visão de quem está dentro, num contexto natural, considerando as ações dos observados como portadores de significados partilhados pelos participantes nesses eventos.

Tem muita importância nesta investigação, mais que a quantificação, a interpretação. A interpretação não corresponde a uma última fase de pesquisa, mas uma tarefa contínua, desde a obtenção dos primeiros dados, passando pelo exame das primeiras revelações fotográficas, até chegar ao derradeiro relatório de trabalho. Nessa interpretação, levaremos em conta bem mais o “como” do que o “porque” dos fatos enfocados. Isso quer dizer que esta será uma análise eminentemente descritiva, sem separar a intuição e a imaginação de uma pretendida objetividade científica. Esse “intuicionismo”, que acatamos de Maffesoli (1988), nos levará a dar importância não somente à “demonstração” mas também, ou principalmente, à “mostração”, que se presta mais ou melhor ao exame da intensa pluralidade da vida escolar — das coisas e fatos presentes no cotidiano e, mormente, nas relações sociais da aula de educação física.

CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS

As contribuições que esperamos são principalmente duas. A realização deste projeto, numa pesquisa que abranja e envolva pesquisadores em nosso fazer cotidiano de professores, que poderá voltar-se como contribuição ou como proposta de reflexão

sobre o papel social da universidade e de suas licenciaturas, estritamente, da educação física.

Uma segunda contribuição decorre da primeira: voltando-se para o *locus* pesquisado, os resultados de trabalhos se voltam como uma oportunidade de aprimoramento de nosso modo de olhar e fazer a educação física em nosso Estado, considerando as especificidades geográficas e culturais. Essas lentes poderão fazer enxergar uma educação física, através dos conteúdos de suas aulas, bem mais apropriados a nossa própria cultura como alvo de investigação.

LOCAL(IS) DE REALIZAÇÃO/ ÓRGÃOS ENVOLVIDOS:

Os locais de realização da pesquisa de campo previamente definidos serão as escolas da rede cuiabana, especialmente as que trabalhem com educação infantil e ensino fundamental, ou sejam, os espaços freqüentados por crianças e pré-adolescentes, sujeitos alvo dessa pesquisa.

Quanto às unidades escolares da rede de Cuiabá, conforme já registrado no item 6, sobre os procedimentos metodológicos, serão definidas na primeira etapa de realização da pesquisa. Sendo uma etnografia, permite ao pesquisador uma flexibilidade tal (Bogdan e Biklen, 1994), que as definições e redefinições posam ocorrer no fazer mesmo da chegada no campo.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS**, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN**, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BROUGÈRE**, Gilles. *Brinquedo e Companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CAILLOIS**, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAMARGO**, Luis O. de Lima. *Educação para o Lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CHÂTEAU**, Jean. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus, 1987.
- CHOMBART DE LAUWE**, Marie-José. *Um outro mundo: a infância*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1991.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Façons de parler.* Paris: Les Éditions du Minuit, 1981.

GOMES, Cleomar F. *Rasteiras e pontapés ou brincadeiras de escola? Ouvindo professores e alunos pré-adolescentes.* In Imaginário do medo e cultura da violência. Niterói: Editora Intertexto, 2004.

GUDDSDORF, Georges. *Professores para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.* São Paulo: Perspectiva, 1990.

JONES, Gerard. *Brincando de matar monstros: porque as crianças precisam de fantasia, videogames, e violência de faz-de-conta.* São Paulo: Conrad livros, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). *O brincar e suas teorias.* São Paulo: Pioneira, 1998.

LE BRETON, David. *L'adieu au corps.* Paris: Editions Métailié, 1999.

LIMA e GOMES, Icléia R. de. *A escola como espaço de prazer.* São Paulo: Summus, 2000.

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem — Crítica à falsa religião do progresso.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

MONTAGU, Ashley. *Tocar — O significado humano da pele.* São Paulo: Summus, 1988.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos.* Petrópolis: Vozes, 1996.

ROSAMILHA, Nélon. *Psicologia do jogo e aprendizagem infantil.* São Paulo: Pioneira, 1979.

RUSSELL, Bertrand. *O elogio ao ócio.* 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SANTIN, Silvino. *Textos malditos.* Porto Alegre: Edições EST, 2002.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX.* Campinas: Autores Associados, 1998.

STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WOLCOTT, H. W. *Criteria for an ethnographic approach to research in education.* Human Organization, 34: 111-128, 1975.

ZELDIN, Theodore. Uma história íntima da humanidade. Rio de Janeiro: Record, 1996.